



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Instituto de Relações Internacionais

Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais
XIX Curso de Especialização em Relações Internacionais

Terrorismo: evolução histórica e emergência do ISIS

Marina Gentil da Costa

**Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção
do título de Especialista em Relações Internacionais**

Orientador: Prof. Dr. Thiago Gehre Galvão

Brasília

2018

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo abordar o terrorismo a partir de seu contexto histórico aos dias atuais, dando ênfase ao fundamentalismo religioso, mais especificamente, o fundamentalismo islâmico que contribuiu para o surgimento do terrorismo islâmico no Oriente Médio. Esta forma de terrorismo tem se mostrado como uma ameaça crescente desde a década de 1970, com a proliferação de grupos terroristas islâmicos como a *Al Qaeda* e o Estado Islâmico, que por meio de atos extremamente violentos, visam atingir seus objetivos, causando centenas de mortes e inúmeros danos.

Palavras-chave: Terrorismo. Fundamentalismo Religioso. Terrorismo Islâmico

ABSTRACT

The present work aims to approach terrorism from its historical context to the present day, emphasizing religious fundamentalism, more specifically, Islamic fundamentalism that contributed to the emergence of Islamic terrorism in the Middle East. This form of terrorism has been a growing threat since the 1970s, with the proliferation of Islamic terrorist groups such as Al Qaeda and the Islamic State, which through extremely violent acts aim to achieve their goals, causing hundreds of deaths and countless damages.

Keywords: Terrorism. Religious Fundamentalism. Islamic Terrorism

Introdução

O terrorismo não é um fenômeno recente, visto que esteve presente na sociedade como um meio para se atingir determinado objetivo. Na história da humanidade, atos terroristas foram perpetrados em nome de princípios ideológicos, políticos e religiosos, o que resultou em mortes e danos em diversas partes do mundo.

Ao longo dos séculos, os ataques terroristas se tornaram cada vez mais frequentes e elaborados, sobretudo a partir da Revolução Industrial, quando ocorreram inovações científicas e tecnológicas, como a invenção da dinamite no século XIX, o que permitiu que a tecnologia fosse utilizada em atentados. O processo da globalização também contribuiu para que o terrorismo, que outrora possuía caráter mais regional, atingisse projeção global, visto que o fluxo de pessoas, de capital e de circulação passou a ser mais elevado nas últimas décadas.

Atualmente, é possível afirmar que o aspecto principal do terrorismo é o fundamentalismo religioso que tem se propagado nos séculos XX e XXI, e em especial, no mundo islâmico. Este movimento religioso tem se expandido cada vez mais nas últimas três décadas, resultando no surgimento de diversos grupos como a *Al Qaeda* e, posteriormente, o Estado Islâmico. Estes grupos radicais, em busca de sua *jihad* islâmica, praticaram e ainda praticam atos extremos de violência e terror.

Após os atentados de 11 de setembro de 2001, o terrorismo islâmico obteve notabilidade internacional, representando uma ameaça real para os Estados, tornando-se um tema de grande preocupação para o mundo inteiro. O fenômeno do terrorismo tem despontado como um assunto intensamente debatido e discutido em convenções, adentrando assim a agenda internacional de segurança como um dos tópicos prioritários no cenário global.

Portanto, o presente trabalho procura abordar o terrorismo e seu contexto histórico, dando ênfase ao terrorismo religioso, mormente, ao terrorismo islâmico, que desde a década de 1970, tem crescido notoriamente, assim como grupos fundamentalistas, como a *Al Qaeda* e o Estado Islâmico, que têm se destacado nos últimos anos, por atos extremamente violentos, que foram responsáveis por mortes de milhares de pessoas.

1. Terrorismo: conceito e definição

O terrorismo não é um fenômeno exclusivo dos tempos atuais, pois ao longo dos séculos fora utilizado como um meio para se atingir um propósito, uma vez que a imposição do medo se mostrou eficaz para tal. Pode-se afirmar que o terrorismo é a forma de estratégia empregada por indivíduos com objetivos de cunho econômico, ideológico, político e/ou religioso, que através de atos violentos, aterrorizam a população (SOUZA; MORAES, 2014, p. 15). Na história da humanidade, ações brutais como assassinatos, explosões e torturas físicas, praticados em nome de uma causa, são recorrentes e representam um flagelo que ainda assolam a sociedade.

Etimologicamente, anterior ao vocábulo “terrorismo”, surgia primeiramente o vocábulo “terror”, que provém do francês *terreur*, derivando do latim *terrere*, e significa assustar (NETO, 2008, p. 16). De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, terrorismo pode ser definido como “modo de impor a vontade pelo uso sistemático do terror”; e “emprego sistemático da violência para fins políticos, especialmente a prática de atentados e destruições por grupos cujo objetivo é desorganização da sociedade existente e a tomada do poder” (HOUAISS, 2009, p. 1835-1836). Conforme o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, terrorismo pode ser compreendido como “modo de coagir, ameaçar ou influenciar outras pessoas, ou de impor-lhes a vontade pelo uso sistemático do terror” (FERREIRA, 2010, p. 2032).

De acordo com Gonçalves e Reis (2017, p. 15), o terrorismo seria “um método de ação, uma tática ou um estratagema planejado e perpetrado por organizações estruturadas ou por elementos simpáticos à causa e guiados ideologicamente, com o efetivo uso ou a ameaça de uso da violência contra pessoas e bens, em sua maioria civis, no sentido de coagir sociedades e Estados a cederem a determinados objetivos políticos (ideológicos, religiosos, sociais, corporativos, entre outros)”.

Até o início do século XX, não se discutia muito sobre terrorismo internacional, visto que os atos violentos de outrora ocorriam, geralmente, em âmbito interno, caracterizando um terrorismo interno. Todavia, após o assassinato do Rei Alexandre I da Iugoslávia (1888-1934), e do Ministro Francês de Assuntos Estrangeiros, Louis Barthou (1862-1934), em outubro de 1934, pelo terrorista croata Vlado Chernozemski, foram iniciados debates na comunidade internacional sobre o terrorismo internacional, que fora o tema principal de diversas convenções que aconteceriam nos anos seguintes (BRANT, 2003, p. 11).

Todavia, apesar de o terrorismo ser um fenômeno histórico, atualmente ainda há dificuldades por parte da comunidade internacional em defini-lo. A ONU (Organização das Nações Unidas), não conseguiu gerar um consenso entre os países sobre o conceito do terrorismo, apesar das inúmeras convenções realizadas acerca do tema. Consequentemente, existem inúmeras definições para o terrorismo que podem variar de acordo com o Estado ou instituição internacional. Em âmbito interno, vários países introduziram em sua legislação interna o terrorismo, entre eles, o Brasil (BRANT, 2003, p. 15).

No Brasil, ele é definido legalmente através da Lei nº 13.260, de 16 de março de 2016 que trata no Art. 2º o terrorismo como “prática por um ou mais indivíduos dos atos previstos neste artigo, por razões de xenofobia, discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia e religião, quando cometidos com a finalidade de provocar terror social ou generalizado, expondo a perigo pessoa, patrimônio, a paz pública ou a incolumidade pública”, De acordo com o § 1º seriam considerados atos de terrorismo:

I - usar ou ameaçar usar, transportar, guardar, portar ou trazer consigo explosivos, gases tóxicos, venenos, conteúdos biológicos, químicos, nucleares ou outros meios capazes de causar danos ou promover destruição em massa; IV - sabotar o funcionamento ou apoderar-se, com violência, grave ameaça a pessoa ou servindo-se de mecanismos cibernéticos, do controle total ou parcial, ainda que de modo temporário, de meio de comunicação ou de transporte, de portos, aeroportos, estações ferroviárias ou rodoviárias, hospitais, casas de saúde, escolas, estádios esportivos, instalações públicas ou locais onde funcionem serviços públicos essenciais, instalações de geração ou transmissão de energia, instalações militares, instalações de exploração, refino e processamento de petróleo e gás e instituições bancárias e sua rede de atendimento; V - atentar contra a vida ou a integridade física de pessoa¹.

É certo dizer que um dos fatores que torna o terrorismo tão atemorizador é que é imprevisível e pode atingir civis a qualquer momento e em qualquer lugar. Durante os séculos que se passaram, o terrorismo foi cometido por indivíduos que agiram por conta própria, por grupos ou organizações e até mesmo pelo próprio Estado, que através do emprego do terror, almejavam alcançar seus propósitos. Infortunadamente, as causas da violência por trás de atos terroristas são várias, e para melhor compreendê-las, se deve entender melhor o fenômeno pelo seu início (RICARDO; SUTTI, 2003, p. 7).

¹ BRASIL. Lei nº 13.260/2016, disponível em; <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113260.htm> (acesso em: 20 jan. 2018)

2. Evolução Histórica

O terrorismo em tempos antigos

O terrorismo já existia no Oriente Médio desde o século I d.C., na região atualmente conhecida como Palestina. Através de relatórios efetuados pelo historiador romano Flavius Josephus (37 d.C.-100 d.C.), pôde-se obter informações sobre ataques violentos que já ocorriam na Judeia, ao sul da Palestina. Na região em questão, um organizado grupo de extremistas judeus, denominado de zelotes ou zelotas, se rebelava contra a ocupação romana. Os zelotes seriam conhecidos como sicários, uma vez que assim eram chamados ao usarem uma curta adaga, denominada *sicae*. O romano Flavius Josephus utilizava o termo *Sicarii* para referir-se aos zelotes (NETO, 2008, p. 85).

O grupo de zelotes judeus se ressentia da ocupação romana e descontentava-se com o domínio estrangeiro, combatendo sua presença. Apesar de serem considerados criminosos e imorais por maior parte da população à época, muitos os consideravam libertários e eram recrutados por eles, seguindo seus ideais. As ações dos zelotes ao longo dos anos resultaram em grandes perdas para Roma, todavia, após sofrer diversas derrotas, o grupo foi trucidado pelos romanos em 73 d.C., e, por conseguinte, os judeus foram expulsos da Palestina (GONÇALVES; REIS, 2017, p. 23).

Pode-se citar ainda outro exemplo de atuação terrorista em tempos passados, como o grupo conhecido como a Ordem de Assassinos (em árabe *Hashashin*), sendo uma seita fundada por Hassan Ibn Sabbah (1034-1124), que se disseminou pelo Irã e pela Síria. Os integrantes dessa seita usavam armas brancas, como adagas, para perpetrarem seus ataques, agindo em locais distintos desde ruas a palácios, tendo o primeiro assassinato ocorrido no ano de 1103 na Síria. A fim de cumprirem com o objetivo designado, muitas vezes os assassinos morriam em suas missões, em nome de seu sacrifício. As vítimas dos atentados geralmente eram líderes políticos do Mundo Islâmico (GONÇALVES; REIS, 2017, p.24).

A partir da Revolução Francesa que o terrorismo atrelou-se às formas de governo. Entre maio de 1793 e julho de 1794, pode-se afirmar que o terrorismo de Estado imperava no país, visto que os jacobinos, guiados por Maximilien de Robespierre (1758-1794), instauraram o Reinado do Terror (*La Terreur*). Até então, um Tribunal Revolucionário foi constituído com o objetivo de criar o “terror”, visto

que inimigos ou opositores do regime não possuíam meios de defesa, sendo condenados à morte, muitas vezes na guilhotina. Nesse período conturbado em que o novo Estado se estabelecia, a violência e a brutalidade eram exercidas pelo próprio Estado, sendo ele o agente do terror e responsável por impor medo na população (RICARDO; SUTTI, 2003, p. 3).

Após a Revolução Francesa, diversas mudanças ocorreram, sendo a Revolução Industrial um acontecimento importante para o desenvolvimento da sociedade até então. Durante o século XIX, o termo “terrorismo” adquiriu novo sentido, pois a população constantemente questionava o papel do Estado, e a vontade do povo deveria, sobretudo, ser correspondida. O russo Mikhail Bakunin² (1814-1876), inspirava anarquistas e o terrorismo passou a ser a forma empregada por muitos contra o Estado, que almejavam confrontá-lo. Os anarquistas diversas vezes instigavam a sociedade contra o Estado através de propagandas. Ademais, o terrorismo também era o meio utilizado por movimentos de esquerda que visavam a tomada do poder pelas classes trabalhadoras, em grande parte, inspirados pelos ideais de Karl Marx (1818-1883) (GONÇALVES; REIS, 2017, p. 30).

A partir de 1850, várias organizações que utilizavam meios violentos e recorriam a atos de terror se estabeleceram, mormente na Europa. Diversas dessas organizações desejavam acima de tudo, que a voz do povo fosse ouvida, que as classes trabalhadoras, o proletariado legitimasse seu poder, seu anseio, livrando-se da exploração e da opressão, mesmo que para isso, a violência se fizesse necessária. Consequentemente, no século XIX, o terrorismo tomava nova forma e “crescia” rapidamente, baseando-se em ideais anarquistas, nacionalistas e revolucionários (GONÇALVES; REIS, 2017, p. 29).

Nos anos seguintes, atos terroristas ocorreram em países da Europa, sendo vários deles cometidos por anarquistas e diversos alvos desses atos eram chefes de Estado e figuras públicas. Em 1858, o Imperador Napoleão III (1808-1873), foi alvo de uma tentativa de assassinato por Felice Orsini, devido ao chefe de governo francês se opor à unificação italiana, assim como o Rei Afonso XII da Espanha, que também sofreu um atentado em Madri, em 1878. No ano de 1894, o Presidente da França, Marie François Sadi Carnot (1837-1894), foi assassinado por um anarquista italiano em junho de 1894 e quatro anos depois, a Imperatriz Elizabeth da Áustria foi

² Mikhail Bakunin foi um dos principais fundadores do anarquismo.

assassinada em 1898 por Luigi Lucheni, também anarquista italiano. O Rei da Itália, Humberto I (1844-1900), foi assassinado por Gaetano Brecci em 29 de julho de 1900, tendo sido alvo de três atentados ao longo de sua vida (NETO, 2008, p. 94-96).

Na Rússia, pode-se citar um grupo terrorista com ideais revolucionários que se formou em 1879, denominado *Narodnaya Volya* (Vontade do Povo)³, que possuía como principal objetivo destituir a monarquia russa (FRANCO, 2012, p.11). Em março de 1881, o Czar Alexandre II (1818-1881), foi assassinado em sua carruagem em um atentado à bomba, efetuado por Ignacy Hryniewiecki, que também morreu na ocasião. Apesar da morte de Alexandre II, a monarquia russa permaneceu no poder e Alexandre III (1845-1894), sucedeu seu pai e ascendeu ao trono. Futuramente, foi criada ainda a *Okhrana*, uma polícia secreta que protegia o Czar e sua família de opositores de seu governo e que foi responsável pela condenação e execução de líderes do grupo terrorista, inclusive de Alexandre Ulyanov, irmão de Vladimir Lenin (1870-1924) (NETO, 2008, p. 102-103).

No entanto, não só na Europa ocorriam atentados violentos, uma vez que em setembro de 1901, o Presidente norte-americano William McKinley foi assassinado pelo anarquista Leon Czolgosz, um imigrante de origem polonesa, que posteriormente foi preso e morreu na cadeira elétrica, alegando que havia agido de tal forma a fim de libertar o povo norte-americano (NETO, 2008, p. 26).

Ao seguir o ideal nacionalista, ainda no século XIX, diversos grupos desenvolveram-se, como os Fenianos irlandeses, que surgiram em 1831 e aspiravam combater a ocupação britânica no país, ocasionando em sua independência em 1916. Há ainda que se destacar que um desses grupos nacionalistas foi responsável por um atentado que gerou graves consequências para o mundo até então, especialmente para a Europa. O grupo denominado *Mlada Bosna* (Jovem Bósnia), surgiu na região dos Bálcãs, dominada pelo Império Austro-Húngaro e era formado por estudantes croatas, eslovenos e sérvios. O grupo terrorista aspirava criar um reino eslavo, tornando assim, a Bósnia-Herzegovina independente. Por conseguinte, Gavrilo Princip, integrante do *Mlada Bosna*, assassinou em junho de 1914, o Arquiduque Francisco Ferdinando (1863-1914), herdeiro do trono do Império Austro-Húngaro, e sua esposa Sofia, ao passearem pelas ruas de Sarajevo, na Bósnia. Esse trágico

³ Em algumas fontes, seu nome pode ser traduzido por Liberdade do Povo.

incidente foi uma das causas para o início da 1ª Guerra Mundial (GONÇALVES; REIS, 2017, p.32).

O terrorismo em tempos modernos

A segunda metade do século XIX e o início do século XX foram épocas marcadas por atentados terroristas que provinham de indivíduos e grupos que seguiam linhas anarquistas, nacionalistas e revolucionárias, e que acreditavam que ações violentas justificavam seus ideais políticos. Contudo, muitos terroristas não se viam como assassinos, pois seus atos eram realizados com base em sua ideologia, seus pretextos eram dignos. Ademais, a partir da Revolução Industrial os atos terroristas se tornaram mais eficazes e mais elaborados, visto que ocorreram avanços tecnológicos, inclusive inovações e novas invenções como a dinamite, um explosivo criado em 1866 pelo químico sueco Alfred Nobel (1833-1896). Com a utilização da dinamite, vários atentados foram efetuados por terroristas no século XIX, causando grandes explosões, e gerando medo e pavor na população (GONÇALVES; REIS, 2017, p.33).

Após a fase de terrorismo anarquista, pode-se dizer que cresceram movimentos nacionalistas que almejavam libertação nacional, que se encontravam ainda sob o jugo de nações imperialistas e desejavam libertar-se, pretendiam conquistar sua independência e para isso, utilizavam também, meios violentos. Entretanto, os indivíduos desses movimentos que cometiam esses atos não se autodenominavam terroristas como os anarquistas de outrora, uma vez que pretendiam apenas libertação para sua nação.

Um dos exemplos dessa causa que se pode mencionar é o IRA (*Irish Republican Army*), ou Exército Republicano Irlandês, que foi fundado em 1919, sendo um grupo paramilitar católico que se opunha a dominação da Irlanda do Norte pelo Reino Unido e ambicionando a sua independência, visto que a República da Irlanda havia se tornado independente em 1916. O IRA também pretendia que a Irlanda do Norte fosse incorporada à República da Irlanda, mesmo a maior parte da população do país sendo protestante anglicana, assim como a Inglaterra. Ademais, por ser um grupo católico, o IRA lutava pelos direitos da população minoritariamente católica da Irlanda do Norte (GONÇALVES; REIS, 2017, p.35).

Entretanto, no fim da década de 1960, conflitos irromperam uma vez que a situação dos católicos na Irlanda do Norte deteriorava-se e com o passar do tempo,

piorava rapidamente. O IRA recorreu a ataques a bomba contra os protestantes e contra autoridades britânicas e atentados terroristas foram realizados pelo grupo, ocasionando mortes de civis e militares pelas décadas seguintes. A minoria católica residente da Irlanda do Norte contribuiu para o crescimento do IRA, oferecendo certo apoio, e apesar da forte repressão britânica, o grupo paramilitar continuou a crescer e efetuar seus atentados que vitimaram centenas de pessoas em emboscadas e atentados a bomba, principalmente em Belfast, capital da Irlanda do Norte (GONÇALVES; REIS, 2017, p.36)

Contudo, após décadas de existência e atuação massiva, o grupo separatista anunciou seu fim em 28 de julho de 2005, entregando todo o seu armamento. Uma comissão internacional foi responsável por supervisionar o processo de entrega de armas (GONÇALVES; REIS, 2017, p.36).

Além do IRA, pode-se citar também o *Irgun*⁴ (Organização Militar Nacional na Terra de Israel), um grupo terrorista que foi formado em 1931 e defendia a criação de um Estado judeu na Palestina. Após a 1ª Guerra Mundial e derrota do Império Otomano, a Palestina encontrava-se sob comando britânico e a migração de judeus para a região crescia em ritmo acelerado. Assim sendo, a pressão para que um Estado judeu fosse estabelecido na região intensificava-se e por isso, diversos grupos terroristas surgiram, cometendo atos violentos contra civis como ataques a bomba (GONÇALVES; REIS, 2017, p.38).

A região da Palestina, tradicionalmente motivo de conflitos entre judeus e muçulmanos, viu emergir grupos terroristas que também defendiam a criação de um Estado para os muçulmanos. Entre esses grupos, destacou-se o OLP⁵ (Organização para Libertação da Palestina), criado em 1964 e que pretendia livrar a Palestina da ocupação judia. Inicialmente, a OLP efetuava ataques contra Israel e mantinha bases na Faixa de Gaza e em países como a Jordânia, o Líbano e a Síria (GONÇALVES; REIS, 2017, p.38-39).

Posteriormente, a OLP deixou de ser considerada uma organização terrorista por vários países do Ocidente na Conferência de Madri, em 1991 e, conseqüentemente, por Israel, em 1993, quando também, Yasser Arafat (1929-2004), presidente da OLP à época, tornou público o reconhecimento do Estado de Israel. Anterior a esse acontecimento, já existia uma relação mais pacífica entre

⁴ Transliterado *HaIrgun HaTzva'i HaLe'umi BeEretz Yisra'el*.

⁵ Transliterado *Munazzamat at-Tahrir al-Filastiniyya*.

muçulmanos e israelenses e após o ato de reconhecimento por parte de Arafat, o Estado de Israel reconheceu a OLP como verdadeira representante do povo palestino. Em dias atuais, a OLP é representada pela Fatah⁶ (Movimento de Libertação Nacional da Palestina) (GONÇALVES; REIS, 2017, p.39).

Há ainda outra organização terrorista que surgiu na Palestina em 1987, denominada Hamas, de orientação sunita, que se concentra na Faixa de Gaza e possui como objetivo o estabelecimento de um Estado palestino, extinguindo assim o Estado de Israel. Ao contrário da Fatah que não mais segue uma linha terrorista, o Hamas⁷ realizou ataques contra civis e não reconhece como legítimo o Estado de Israel, e assim os conflitos entre a organização e os israelenses são contínuos. Apesar de ser considerada uma organização terrorista por diversos países como Estados Unidos, Israel e Japão, assim como pela União Europeia, o Hamas não é considerado uma organização terrorista por países como a África do Sul, o Brasil e a Rússia (GONÇALVES; REIS, 2017, p.40).

Após o fim da 2ª Guerra Mundial, e eclosão da Guerra Fria, o mundo se encontrava em um sistema bipolar, principalmente nas décadas de 1960-1970, surgiram diversas organizações terroristas que já existiam ou que estavam sendo criadas na Europa, como o RAF (*Rote Armee Fraktion* ou Fração do Exército Vermelho), da Alemanha, as Brigadas Vermelhas ou BR (*Brigate Rosse*), da Itália e o ETA (*Euskadi Ta Askatasuna* ou “Pátria Basca e Liberdade”), do País Basco. O ETA possuía como principal objetivo tornar-se independente da Espanha e foi responsável por diversos atos terroristas e centenas de mortes. Todavia, o País Basco obteve mais autonomia posterior ao fim da ditadura de Francisco Franco (1892-1975), e em 2011, o ETA anunciou seu fim (GONÇALVES; REIS, 2017, p.47).

No continente americano, sobretudo na América Latina, surgiram organizações guerrilheiras que recorreram ao terrorismo para atingir seus objetivos, como as FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), que nasceu na Colômbia, aproximadamente em 1964, os Montoneros, originários da Argentina na década de 1960 e o Sendero Luminoso, oriundo do Peru, que foi criado na década de 1980. Em uma época na qual ditaduras militares foram estabelecidas em vários países da América Latina, a criação de grupos terroristas que combatiam esses governos ditatoriais foi recorrente. No Brasil, entre 1964 e 1985, quando ocorreu a

⁶ Transliterado *Harakat al-Tahrir al-Watani al-Filastini*

⁷ Transliterado *Harakat al-Muqawamat al-Islamiyyah*

ditadura militar, o número de grupos de esquerda cresceu no país que lutava contra o governo e perpetraram atos de terror como assassinatos, assaltos, explosões de carros-bomba e sequestros (GONÇALVES; REIS, 2017, p.46-47).

É imprescindível destacar também que o terrorismo de Estado ressurgiu no século XX, enquanto Josef Stalin (1878-1953), manteve-se como líder da União Soviética entre 1929 e 1953. Milhares de pessoas que se opunham ao regime imposto por Stalin foram enviadas aos *gulags*⁸, demonstrando que o Estado tratava indivíduos contrários aos seus ideais com repressão e perseguição. Consequentemente, milhões de cidadãos morreram nos *gulags*, além dos que foram executados em outros locais. Somente com a morte de Stalin em 1953, quando Nikita Krushev (1894-1971), assumiu o poder, os métodos repressores do regime até então, foram atenuados (NETO, 2008, p. 110). O Holocausto, dos nazistas da Alemanha, o Fascismo da Itália e a Revolução Cultural na China são outros exemplos de terror de Estado (RICARDO; SUTTI, 2003, p. 23).

Conforme Lutz (2008, p. 14-15), as organizações terroristas e seus movimentos podem ser classificadas em categorias, visto que as organizações que possuem propósitos similares se encaixam na mesma categoria. Primeiramente, se pode mencionar os grupos religiosos, que a fim de atingirem seus objetivos, como a libertação religiosa para si mesmos ou a ascensão ao poder de grupos mais coesos teologicamente, praticam atentados terroristas. Há também as organizações que buscam a libertação de determinado grupo étnico ou linguístico, ou de uma região específica em um país que, em vista de se libertarem do que percebem ser uma condição de colonialismo ou de um governo opressor, perpetraram atos violentos, pois almejam livrar-se da dominação. Alguns grupos podem, de fato, se sentir colonizados caso sejam anexados a um país vizinho ou até mesmo a um país distante. Diversas organizações terroristas também se orientam por ideologias para se alcançar um objetivo político, como grupos tanto de direita como de esquerda, que muitas vezes se opõem a forma de governo ou ao regime do Estado e visam destruí-lo. Por fim, existe o terrorismo que é cometido por grupos que agem por intermédio ou em nome do governo para que assim, as políticas governamentais sejam fortalecidas através da repressão. Muitos governos utilizam serviços de esquadrões suicidas, por

⁸ Campos de trabalho forçado que foram criados na União Soviética em 1919.

exemplo, para causar medo e temor na população e para enfrentar grupos divergentes do regime.

O terrorismo é praticado, principalmente, por razões políticas, sendo o fator político o diferencial entre atos terroristas e outros atos violentos. Há exceções quando grupos cometem sequestros e roubos para arrecadar dinheiro para suas organizações, o que configuraria um ato criminal e não político. Se deve ressaltar que os objetivos dos ataques terroristas podem diferir entre si, entretanto, as razões por trás dos atos, permanecem políticas (LUTZ, 2008, p. 10).

3. O terrorismo e o fundamentalismo islâmico

Terrorismo e tradicionalismo

O terrorismo praticado em nome da religião, em especial a religião islâmica, começou a se destacar em nossa sociedade muito por conta de um processo de securitização após os atentados de 11 de setembro de 2001. Nesta fatídica data, quatro aviões comerciais foram sequestrados por terroristas, dois deles foram lançados contra as Torres Gêmeas do *World Trade Center*, em Nova York, um colidiu contra o Pentágono, na Virgínia, e o último avião caiu em campo aberto, na Pensilvânia. Os ataques foram perpetrados pela *Al Qaeda*, uma organização terrorista fundamentalista islâmica, que a partir destes atentados ficou conhecida ao redor do mundo. Como aponta Ricardo e Sutti (2003, p. 4): “O terrorismo, como o entendemos hoje, é considerado um instrumento de violência com fins estratégicos e políticos, patrocinado por ideologias, inclusive religiosas”.

À época, o terrorismo começou a ser um tema muito discutido e a preocupação internacional só fez crescer o medo, assim como a insegurança dos Estados em relação ao fundamentalismo islâmico após os atentados de 2001. Acerca dos ataques, afirma Buzan (2002, p. 253) “Seu maior impacto pode bem ser o de alterar não somente a dinâmica de segurança no Oriente Médio e Sul da Ásia, mas também o relacionamento de ambas as regiões com os Estados Unidos, e a relação dos Estados Unidos com outras grandes potências”. Destarte, no final do século XX e início do século XXI, o então classificado terrorismo islâmico se tornou uma ameaça constante, visto que várias organizações fundamentalistas religiosas que já existiam em países árabes tornaram-se proeminentes e diversas outras surgiram.

O fundamentalismo religioso se caracteriza pela crença incondicional em dogmas religiosos que representam a verdade total e absoluta, ocorrendo, assim, a conservação de tradições e o rechaço à modernização ou reforma. O fundamentalismo religioso pode surgir em qualquer religião sendo que muitos movimentos fundamentalistas religiosos se tornam violentos, o que tem atraído a atenção da mídia e de estudiosos para o fundamentalismo islâmico por seu crescimento nas últimas quatro décadas em inúmeros países, onde se proliferaram governos considerados radicais e organizações terroristas. (RICARDO; SUTTI, 2003, p. 105).

No entanto, há que se compreender que não são todos os islâmicos que são fundamentalistas e há alguns conceitos básicos para se melhor entender a religião islâmica. A palavra Islã significa submissão, destarte, um islâmico (ou muçulmano), seria aquele que se submete a Alá. A *Sharia*, em seu sentido original, significa “caminho para o bebedouro” e, portanto, denota o caminho que deve ser seguido pelo fiel. A *Sharia* é o Direito Islâmico e compreende também o Direito Comercial e o Direito Penal, entre outros, e é a *Sharia* que estabelece os deveres a serem seguidos pelo povo islâmico. O livro sagrado, o Corão, começou a ser escrito quando Maomé (ca. 570 d.C.-632 d.C.), profeta do Islã, recebeu revelações do Anjo Gabriel em 610 d.C. e significa “recitação”, contendo a palavra direta de Deus, sem intervenção do homem. Há também os livros de *Hadith* (que significa “o que ocorreu”), que compreendem relatos sobre a vida de Maomé e totalizam seis livros, também considerados sagrados. Todos estes documentos expressam a “vontade de Alá”. Assim sendo, é Alá que determina se o fiel entrará ou não no Paraíso, não havendo garantia de que isso ocorra. Entretanto, se o fiel morrer lutando contra um inimigo do Islã, ele seguramente adentrará o Paraíso. A luta contra o infiel, o inimigo do Islã, se denomina *jihad*, e *mujahedin* (forma plural de *mujahid*), significa combatentes (NETO, 2008, p. 135-137).

Pode-se dizer que existem islâmicos seculares, que são maioria no mundo e renunciam a *jihad* e há também os islâmicos tradicionais que compreendem os valores da *jihad*, mas optam por não a praticar, uma vez que estão cientes dos inúmeros riscos envolvidos, preferindo viver do que lutar e morrer. Por fim, há os islâmicos fundamentalistas que possuem como principal propósito de vida seguir a religião islâmica com rigorosidade e precisão, ou seja, seguem à risca “a vontade de

Alá”, tornando-se muitas vezes radicais, porém julgam-se praticantes verdadeiros do islamismo (NETO, 2008, p. 139).

Há ainda diferentes vertentes dentro do islamismo, sendo as duas principais a dos sunitas, maioria na comunidade muçulmana, e a dos xiitas, que basicamente se dividem por questões de sucessão de Maomé. O profeta após sua morte não deixou herdeiro ou sucessor e as desavenças entre os grupos são causadas sobre quem deve liderar a comunidade muçulmana. Os xiitas acreditam que os descendentes diretos de Ali, genro de Maomé, são os líderes por direito da comunidade muçulmana, o que é contestado pelos sunitas (NETO, 2008, p. 140).

De acordo com Gonçalves e Reis (2017, p.48), já no final da década de 1970, vários eventos ocorreram que podem ter desencadeado a era do terrorismo baseado em fundamentalismo islâmico. Um desses eventos se deu no início de 1979, quando ocorreu uma crise institucional no Irã, que até então era governado pelo Xá Mohammad Reza Pahlavi (1919-1980), que visava modernizar o país e cujo governo era uma monarquia pró-ocidental. Todavia, os grupos conservadores e fundamentalistas, guiados por clérigos xiitas, entraram em conflito com os grupos que eram a favor das reformas e modernizações de Pahlavi, culminando na Revolução Iraniana. O Xá foi então, deposto e o Aiatolá Ruhollan Musavi Khomeini (1902-1989), que se opunha ao Xá e por isso vivia exilado em Paris, retornou ao Irã, formando assim, a República Islâmica do Irã. O Aiatolá estabeleceu um governo teocrático, de maioria xiita e nomeou os Estados Unidos e Israel como seus maiores inimigos, sendo chamados por Khomeini de *O Grande Satã* e *O Pequeno Satã*, respectivamente.

Na Arábia Saudita, entre 20 de novembro e 4 de dezembro de 1979, ocorreu um ataque à Grande Mesquita na cidade de Meca, o que se tornou algo grave, visto que Meca é um dos três locais mais sagrados do Islã e é na Grande Mesquita que se localiza a *Kaaba*, um dos Cinco Pilares do Islã e para onde são direcionadas as preces diárias dos islâmicos. Nesse ataque, inúmeras pessoas foram mantidas reféns por um grupo extremista islâmico que demandava que a Casa de Saud fosse destituída do trono da Arábia Saudita. Em duas semanas, centenas de pessoas morreram e outras ficaram feridas até que os extremistas fossem vencidos pelas tropas sauditas e posteriormente executados. Consequentemente, o governo saudita tornou-se mais conservador e tradicionalista (GONÇALVES; REIS, 2017, p.49).

Ainda em dezembro de 1979, o Afeganistão se encontrava em momento turbulento, visto que o país passava por uma guerra civil, de um lado estava o governo marxista da República Democrática do Afeganistão e do outro, estavam os *mujahedin*, guerrilheiros pertencentes a diversos grupos étnicos do país, de maioria sunita. Em meio a Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética, o Afeganistão foi invadido por tropas da União Soviética que apoiavam o regime comunista. Entrementes, os *mujahedin* foram auxiliados com armas, dinheiro e treinamento, por países como a Arábia Saudita e o Paquistão, assim como pelos Estados Unidos e pelo Reino Unido. Um desses grupos guerrilheiros auxiliados pelos Estados Unidos, era o *Maktab Al-Khidmat* ou MAK (Direção de Serviços Afegãos), que fora criado em 1984 por Abdullah Yusuf Azzam (1941-1989) (GONÇALVES; REIS, 2017, p.50).

O conflito no Afeganistão durou dez anos, sendo que os soviéticos foram derrotados e milhões de pessoas morreram e tantas outras ficaram feridas. Após esse conflito, inúmeros combatentes do país se tornariam fundamentalistas religiosos, com propósitos radicais que pretendiam defender seus valores contra o Ocidente. Um deles seria Osama bin Laden, que foi um dos fundadores do grupo MAK, que outrora foi aliado dos Estados Unidos (GONÇALVES; REIS, 2017, p.51).

Após conflitos ocorridos nesses três países e que envolveram tantos outros, inclusive do Ocidente, a violência esteve presente e rapidamente, governantes de vários países islâmicos começaram a ser mais influenciados por grupos com pensamento mais conservador ou até substituídos por governantes que seguiam tal linha de pensamento, como no caso do Irã. Até então, existia também confrontos em meio ao mundo muçulmano, entre corrente diferentes, como xiitas e sunitas, por exemplo, e com o passar do tempo, vários grupos fundamentalistas islâmicos se proliferaram, muitos radicais que provocariam ataques terroristas como a *Al Qaeda* no 11 de setembro de 2001 (GONÇALVES; REIS, 2017, p. 51).

O novo terrorismo

Conforme Nasser (2014, p. 66-67), o conceito de “novo terrorismo”, ou terrorismo religioso, proposto por diversos autores que surge na década de 1980, se tornaria mais evidenciado após os atentados ocorridos nos Estados Unidos em setembro de 2001, ao serem perpetrados pela *Al Qaeda*, grupo considerado fundamentalista islâmico. Através de análises de outros autores, Nasser assegura que

essas organizações mantêm duas particularidades que são fundamentais, sendo elas a motivação religiosa e a determinação em causar grandes danos e prejuízos. O autor afirma que de acordo com a corrente teórica do “novo terrorismo”, houve um crescimento de organizações e grupos terroristas religiosos desde a década de 1980 e que é o aspecto religioso a principal motivação para a ocorrência de atentados, ao contrário da motivação política que era o objetivo do terrorismo de outrora.

Dentro da corrente do “novo terrorismo”, se pode compreender que os valores ocidentais estariam causando a destruição da sociedade muçulmana, e, portanto, deturpando os valores islâmicos e os ensinamentos de Alá. Consequentemente, a cultura ocidental é o inimigo, o mal que deve ser derrotado, não havendo assim, meios de retratação, uma vez que os propósitos são vistos apenas pelo prisma religioso. Por conseguinte, a fim de se erradicar as forças do mal, os “novos terroristas” tem como objetivo causar o maior número de mortes possível, não havendo seletividade. Sobretudo, se compreende que as forças satânicas serão eliminadas e não importa se para que isso ocorra, um povo ou país seja dizimado (NASSER, 2014, p. 67-69).

Ademais, para os “novos terroristas”, o uso da violência em seus ataques é justificável devido a sua motivação religiosa e a ausência de estratégia política. Os terroristas utilizam a violência porque se encontram ameaçados e agiriam em legítima defesa, não sendo seus ataques considerados imorais, além de serem praticados pela devoção religiosa, em nome de Deus, o que enaltece seu “martírio”. Como alega Nasser (2014, p. 70), os novos terroristas glorificam seus crimes em cartazes e vídeos, principalmente os terroristas suicidas, que exaltam seus ataques violentos considerados martírios, demonstrando seu total fanatismo e radicalismo religioso.

No entanto, quais seriam as causas para que seres humanos cometam atos terroristas? Pode-se afirmar que os indivíduos mais suscetíveis a praticarem tais atos são jovens que possuem baixo nível escolar, aqueles que são pobres e estão desempregados. Esses jovens são aliciados por líderes das organizações terroristas que se aproveitam de sua ausência de perspectiva e ignorância, fazendo-lhes promessas de que as ações cometidas em nome de sua causa, como o suicídio, irão garantir-lhes a entrada ao Paraíso. Destarte, esses indivíduos tornam-se terroristas suicidas, seguindo a religião irracionalmente para cometerem atos considerados por eles, “racionais” (NASSER, 2014, p. 72).

Nasser (2014) ainda cita a teoria do “choque entre civilizações”, (Huntington apud Nasser, 2014, p. 68), que reforça princípios da corrente do “novo terrorismo”, podendo se ter como exemplo as diferenças culturais existentes entre civilizações que resultam em diferenças intransponíveis. Como assegura o autor, para que ocorra o choque de civilizações, há seis elementos principais para tal. O primeiro elemento é que a civilização desempenha papel muito importante na identidade dos indivíduos e, por conseguinte, nas relações sociais entre eles, de tal modo que pessoas pertencentes a civilizações distintas possuem valores e visões sobre o mundo totalmente distintos. O segundo elemento é a globalização, que sucedeu de forma mais rápida com o término da Guerra Fria. Foi a partir da globalização que se ocorreu uma maior interação entre os indivíduos de diversas civilizações, tornando essas interações mais intensas assim como as diferenças entre elas. O terceiro elemento é que a identidade, o Estado e os elos da comunidade foram enfraquecidos pela modernização, o que propiciou o surgimento de movimentos fundamentalistas religiosos que almejam resgatar suas tradições, que são a essência de sua identidade. O quarto elemento é a “ocidentalização do mundo”, que gerou reações em povos não ocidentais que visam validar suas culturas, suas tradições e seus valores. O quinto elemento é que as características culturais, assim como as religiosas, não são suscetíveis a mudanças. E finalmente, o sexto elemento, quando a consciência de uma civilização é fortalecida pelo desenvolvimento do regionalismo econômico.

Sobretudo, de acordo com pressupostos do “novo terrorismo”, pode-se afirmar que o terrorismo ultrapassou barreiras, pois se outrora era considerado um flagelo interno, cometido em um território específico visando um objetivo geralmente político de cunho nacionalista ou separatista, o terrorismo atualmente tornou-se uma ameaça que transcende fronteiras, aterrorizando Estados ao redor do mundo e tornando-se um grande problema para a comunidade internacional (NASSER, 2014, p. 71).

Todavia, há pesquisas empíricas que buscam refutar a linha do “novo terrorismo”. Como assevera Nasser (2014) pelos estudos realizados por outros autores (Pape e Krueger apud Nasser, 2014), se refutou o que fora proposto pela teoria anterior em relação ao perfil de terroristas suicidas. Ao contrário do que apregoam teóricos do “novo terrorismo”, a maior parte dos terroristas suicidas (57%) que cometeu atentados entre 1980 e 2003, era laica sendo o restante (43%), religioso. Na teoria do “novo terrorismo”, é sustentado também que os atos cometidos por

suicidas não ocorrem só por motivação religiosa, mas por outros motivos como a exclusão social e o isolamento e por doenças mentais e problemas psicológicos, assim como por antecedentes criminais. Entretanto, esses motivos são contestados por outros autores que afirmam que suicidas não possuíam doenças mentais ou antecedentes criminais e não estavam excluídos socialmente (NASSER, 2014, p. 73).

Segundo as pesquisas realizadas, o que se pôde indicar é que, majoritariamente, os terroristas possuem uma boa formação educacional, inclusive mais que o segundo grau, e possuem uma condição econômica superior ao meio social em que vivem, sendo que a maioria (76%) mantinha empregos, como mecânicos e policiais, entre outros. Ademais, há evidências que terroristas suicidas religiosos possuem nível de educação superior ao secundário, totalizando 61%, enquanto terroristas suicidas laicos possuem nível de educação abaixo do secundário, totalizando 39%. Este resultado pode ser explicado porque determinadas organizações terroristas, como o Hamas, recrutam indivíduos em escolas (NASSER, 2014, p. 74-75). Se é importante salientar que os terroristas que cometeram os atentados do 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, estudaram em universidades ocidentais (NETO, 2008, p. 114).

Conforme Nasser (2014, p. 73-74), outro aspecto analisado é o fator principal que faz com que indivíduos adiram às organizações terroristas e se tornem suicidas. O que se pôde constatar é que muitos deles passaram por situações conturbadas previamente, como conflitos e massacres, que destruíram seus lares e reprimiram seus direitos. Assim sendo, muitos jovens são recrutados após terem enfrentado uma ou mais formas de humilhação, uma vez que as organizações se aproveitam da vulnerabilidade destes jovens para aliciá-los. Quando recrutados, os jovens se tornam terroristas porque foram oprimidos, porém dentro das organizações, serão mártires por seus atos.

Há que se ressaltar também que terroristas originam-se de Estados nos quais havia ocupação estrangeira e pouca liberdade civil, podendo-se concluir que os indivíduos que cometem atos de terror provêm de territórios cujo regime é repressor e os direitos políticos são limitados. Portanto, o terrorismo possui um propósito estratégico, laico e político, surgindo como uma forma de combater essa invasão estrangeira, de libertar o território que o terrorista julga ser seu. Outro aspecto relevante é de que a maioria dos ataques suicidas cometido entre 1980 e 2010 no mundo, ocorreu devido à ocupação estrangeira em territórios dos quais se originavam

os terroristas, demonstrando que a motivação religiosa não era o fator principal para se cometer os ataques, mas sim a libertação nacional. Os ataques das organizações terroristas são racionais e premeditados. Deste modo, ao contrário do que prega o “novo terrorismo”, o elemento essencial de luta seria político e não religioso (NASSER, 2014, p. 76-77)

Vale menção a lógica da coação (NASSER, 2014, p. 79), para explicar porque acontecem atentados suicidas, uma vez que existe a coação militar entre dois Estados, com poderes desiguais, pois o mais forte luta contra o mais fraco. Nesta lógica existem duas estratégias, o castigo e a negação. Com a estratégia do castigo, a coação é exercida ao se aumentar os gastos ou os riscos do Estado adversário até que estes ultrapassem o valor dos interesses em confronto. Com a estratégia da negação, a coação é exercida ao se mostrar ao Estado rival que é desnecessário lutar até o fim, uma vez que o confronto não poderá por ele ser vencido, pois quem exerce a coação é capaz de conquistar o que está em disputa (Pape apud Nasser, 2006, p.43).

Ao se seguir a lógica da coação, se afirma que a estratégia a ser aplicada ao terrorismo é a do castigo, pois com os atentados praticados, os terroristas, especialmente os suicidas, visam infligir dor e causar danos, eliminando sua resistência, fazendo assim com que os governos cedam às suas exigências para que mudanças ocorram. Os ataques suicidas também elevam o poder de coerção da estratégia do castigo, visto que como o terrorista está disposto a morrer para cometer o ato, ele cumprirá com seu dever até o fim e assim, estragos e prejuízos maiores serão gerados (NASSER, 2014, p. 77).

Como certifica Nasser (2014, p. 78), Estados democráticos são “alvos” em potencial de atentados terroristas suicidas, pois estes governos encontram-se mais vulneráveis a estratégia do castigo, visto que nos Estados democráticos o povo influencia as decisões a serem tomadas pelos governantes. Ademais, devido a liberdade de Estados democráticos, se organizar ataques terroristas nestes territórios é mais fácil, e conseqüentemente, a reação das democracias a esses atentados possa ser mais branda, em relação, por exemplo, governos autoritários.

Claramente, o terrorismo suicida é utilizado como estratégia de coação por organizações terroristas, principalmente em casos de libertação nacional, quando não há meios de se combater os ocupantes estrangeiros que se encontram no território. A guerrilha é a forma empregada por muitos indivíduos quando ocorre ocupação estrangeira, todavia, há situações que confrontos não seriam possíveis, pois a derrota

seria iminente. Portanto, para os que não desejam se render aos inimigos, o terrorismo suicida surge como uma opção de luta (NASSER, 2014, p. 79).

O suicídio não é aceito no islamismo, no entanto, este ato pode ser aprovado uma vez que é associado ao sacrifício, ao martírio, por comunidades islâmicas e por isso, o ato é tão praticado nestas mesmas comunidades, assim como o assassinato. Estes atos acabam por não ser condenados pelas sociedades islâmicas quando a identidade de um povo é eventualmente ameaçada pela presença estrangeira (NASSER, 2014, p. 80).

Assim sendo, pode-se concluir que de acordo com pesquisas realizadas seguindo esta nova linha de pensamento, a religião com base em elementos culturais, como prega o “novo terrorismo”, não é o fator determinante na prática de atentados terroristas. A religião pode ser considerada um fator agravante, mas não o decisivo para que os atos de terror ocorram, mesmo que 62% dos ataques terroristas sejam sociedades cujas religiões são diferentes dos perpetradores dos ataques. Ademais, se pôde compreender também que fatores como nível de escolaridade e *status* socioeconômico não influem diretamente na ocorrência do terrorismo (NASSER, 2014, p. 80).

Como afirma Gonçalves e Reis (2017, p. 130-131), o terrorismo é uma ação violenta premeditada por um grupo organizado. Os atos terroristas são racionais e são planejados a fim de se atingir um ou mais objetivos, podendo ser eles; substituição ou derrubada de um governo, conquista ou separação de um território, modificação da política de um Estado, obtenção de controle social sobre grupos específicos e conservação do *status quo*, ou seja, quando se evita alterações políticas em um Estado.

As organizações e grupos terroristas possuem táticas bem formuladas e escolhem seus alvos cuidadosamente, de acordo com seus objetivos e com seus recursos financeiros. É através da escolha do alvo que será gerada a atenção necessária para que as organizações obtenham êxito em seus propósitos. Ademais, as táticas empregadas por terroristas não são somente os atentados suicidas, como já citados anteriormente, mas também há a utilização de explosões, assassinatos, sequestros e tomada de reféns em meios de transporte, como aviões, navios, trens, entre outros. O uso de explosivos ainda é muito popular porque bombas possuem um custo baixo e alto poder de destruição e mortalidade e inúmeros grupos islâmicos

utilizam essa tática até os dias de hoje, além dos atentados suicidas (GONÇALVES; REIS, 2017, p. 134-135).

Ao complementar aspectos marcantes do terrorismo no século XXI, há que se destacar ainda os *foreign fighters* (combatentes estrangeiros), que consiste no fenômeno de homens e mulheres que abandonam seus países de origem para se unir a organizações terroristas islâmicas. Esses indivíduos tornam-se membros dessas organizações e combatem por ela, sendo muitos deles oriundos de países do Ocidente. Há também o fenômeno dos “lobos solitários” (*lone wolfs*), quando indivíduos atuam por conta própria, não seguindo qualquer comando ou mantendo vínculos, mas apoiam determinado grupo ou ideologia (GONÇALVES; REIS, 2017, p. 57).

4. Emergência do Estado Islâmico

Al Qaeda

A emergência do Estado Islâmico marca um novo momento da história da evolução do fenômeno do terrorismo e tem relação direta com o destino de diferentes entidades como a Al Qaeda. A palavra *Al Qaeda* possui significados como base ou alicerce e provém do árabe *qaf-ayn-dal*. Até então, a expressão *Al Qaeda* já era utilizada em meados dos anos 1980 por islâmicos no Afeganistão que lutavam contra os soviéticos para designar a base de onde agiam. Entretanto, o nome começou a ser empregado para denominar a organização posteriormente, tal qual conhecemos hoje (BURKE, 2003, p. 21-22).

Após os atentados de 11 de setembro de 2001, a organização terrorista *Al Qaeda* se tornou mundialmente conhecida, embora sua criação tenha ocorrido anos antes. Como citado anteriormente, em 1979, o Afeganistão atravessava fase turbulenta quando foi invadido por tropas da União Soviética, que apoiava o regime comunista da República Democrática do Afeganistão. Todavia, grupos de guerrilheiros se formaram para combater a invasão soviética, denominados *mujahedin*, que obtiveram ajuda financeira, além de armamentos e treinamento de países como Estados Unidos, Arábia Saudita e Paquistão. Um dos grupos que recebeu auxílio dos Estados Unidos foi o *Maktab Al-Khidmat* ou MAK (Direção de Serviços Afegãos), que se transformaria futuramente na *Al Qaeda*, criado em 1984 por Abdullah Yusuf Azzam, com o intuito de recrutar indivíduos, treinando-os para

combater os soviéticos. Além de Azzam, um dos fundadores e financiadores do grupo foi Osama Bin Laden (GONÇALVES; REIS, 2017, p. 51).

Osama Bin Laden nasceu na Arábia Saudita em 1951, oriundo de uma família abastada, pois seu pai era um magnata do ramo da construção. Quando jovem, Bin Laden frequentou a Universidade *King Abdul-Aziz*, onde teve aulas com Abdullah Azzam, professor de Direito Islâmico que foi seu mentor e muito o influenciou com suas ideias. Quando o Afeganistão foi invadido pelos soviéticos em 1979, Bin Laden direcionou-se para o Paquistão e se juntou a resistência afegã para lutar contra a invasão, encontrando-se com Azzam, seu mentor de outrora (NÓBREGA, 2012, p. 51).

Em agosto de 1988, quando se encontravam na cidade de Peshawar, no Afeganistão, Bin Laden e Azzam criaram a *Al Qaeda* (A Base). Até então, o grupo sunita continha mais ou menos uma dúzia de homens. Os soviéticos foram derrotados e a guerra acabara em 1989 e muitos militantes que lutaram contra eles na *jihad* islâmica, começaram a dispersar-se, devido as diferenças étnicas e nacionais existentes. Todavia, Bin Laden visionou a criação do grupo para que essas divergências fossem superadas, formando assim, um “exército nacional” para defender da opressão todos os muçulmanos do mundo (BURKE, 2003, p. 23).

Após Bin Laden e Azzam romperem relações devido a divergências crescentes, Azzam foi assassinado em 1989, em um atentado. Em seguida, Bin Laden retornou a Arábia Saudita, que foi invadida por tropas americanas, o que muito o desagradou, e nos anos futuros passou por países como o Paquistão e o Sudão, onde a *Al Qaeda* foi desenvolvida estruturalmente. Entretanto, Bin Laden deixou o país africano em 1996 e regressou ao Afeganistão, onde se estabeleceu. À essa época, já existia a ligação entre a *Al Qaeda* e a Jihad Islâmica Egípcia, que se tornou uma afiliada. Ao retornar ao Afeganistão, Bin Laden formou ligações com o grupo Talibã, que governava a maior parte do país, até então. Em troca de auxílio financeiro ao Talibã, à *Al Qaeda* foram disponibilizados armamentos e territórios para treinamento e por um ano, Bin Laden organizou a *Al Qaeda* estruturalmente, recrutou novos membros, consolidou ligações e adquiriu armamentos (NÓBREGA, 2012, p. 16).

Neste período, Osama Bin Laden, o Emir⁹ da organização e responsável pela tomada de todas as decisões, já declarava que os Estados Unidos eram seu principal

⁹ Emir ou Amir provém da língua árabe e significa comandante.

inimigo e os culpados por oprimir o povo islâmico, devido a ocupação americana de territórios muçulmanos e era dever de todos os fiéis matá-los. Ademais, outro objetivo da organização era estabelecer um Califado islâmico, unindo os povos muçulmanos. Bin Laden considerava todos os aliados de americanos inimigos, assim como os infiéis, indivíduos que são pró-ocidente e não seguem a *sharia* e também, o Estado de Israel. Assim sendo, o uso da violência foi o meio empregado para que os propósitos fossem alcançados (NÓBREGA, 2012, p. 54-55).

Em 1998, a Al Qaeda praticou dois ataques terroristas contra as embaixadas dos Estados Unidos em Nairóbi, no Quênia, e em Dar es Salaam, na Tanzânia. Até então, os objetivos da organização terrorista se mostravam claros, de que os Estados Unidos eram seu maior inimigo. Em 2001, ocorreram os ataques de 11 de setembro que obtiveram grande repercussão e o Presidente americano George W. Bush declarou a “Guerra ao Terror”, sendo que nessa campanha militar, vários terroristas foram capturados. Conforme afirma Pearlstein (2004, p. 97), “*Since September 11, 2001, the United States has apprehended or killed hundreds of al-Qaeda members in Afghanistan and, in at least one case, in Yemen. Many of those transnational terrorists will probably face military tribunals which will decide their ultimate fate*”. Entretanto, a Al Qaeda ainda perpetrou ataques em uma estação de trem em Madri, em 2004, e em uma estação de metrô, em Londres, em 2005. Osama Bin Laden se tornava o homem mais temido do mundo assim como o terrorista mais procurado (NÓBREGA, 2012, p. 27).

Durante o governo do Presidente Barack Obama, Osama Bin Laden foi capturado e morto em maio de 2011. Apesar da morte de Bin Laden e vários de seus membros ao longo dos anos, a Al Qaeda não é considerada mais tão relevante como fora, mas ideologicamente mantém influência em mais de 60 países, e ainda detém células e grupos afiliados ao redor do mundo, possuindo um alcance global (GONÇALVES; REIS, 2017, p. 52). Atualmente, o egípcio Ayman al-Zawahiri é apontado como líder da organização (NÓBREGA, 2012, p. 67).

Estado Islâmico

O surgimento deste grupo terrorista se inicia quando o jordaniano Abu-Musab Al-Zarqawi, condenado a quinze anos de prisão em seu país por posse de armas, é libertado após cinco anos de reclusão em 1999 e segue para o Afeganistão. Ao chegar no país, Zarqawi entra em contato com líderes da Al Qaeda, buscando apoio para

criar sua própria organização. Uma autorização é concedida e Zarqawi obtém um campo de treinamento no país para treinar terroristas (DAMIN, 2015, p. 26).

Primeiramente, o grupo *jihadista* criado por Zarqawi se chamava *Jund al-Sham* e posteriormente, passou a se chamar *Jama`at al-Tawhid wal-Jihad*, e era formado em grande parte por jordanianos e palestinos. O grupo, até então, realizava seus treinamentos no território cedido pela *Al Qaeda* e já no ano de 1999, efetuou ataques terroristas em lugares turísticos na Jordânia (DAMIN, 2015, p. 26-27).

Alguns anos após sua fundação, em 2003, o *Jama`at al-Tawhid wal-Jihad* estava firmado no Iraque, mais especificamente na cidade de Biyara, quando começara a ocorrer a intervenção americana no país (DAMIN, 2015, p. 27). As tropas americanas invadiram o Iraque em sua “Guerra ao Terror”, visto que pretendiam derrubar o ditador sunita Saddam Hussein (1937-2006), que outrora fora aliado dos Estados Unidos. Conseqüentemente, sob a autoridade de Paul Bremer, o Baath, o partido de Hussein, foi declarado ilegal e todos os seus membros foram destituídos de seus cargos públicos. Ademais, o exército iraquiano foi dissolvido (MIKHAEL; GOMES, 2018, p. 16).

Embora não concordasse com a interferência militar estrangeira no Iraque, tendo efetuado ataques terroristas em Bagdá devido a ocupação, Zarqawi aproveitou-se da situação conturbada do país para constituir seu estado islâmico na região. Zarqawi, sendo ele próprio um sunita, pretendia também defender a comunidade sunita no Iraque, ameaçada após a deposição de Saddam Hussein, que representava minoria no país. Por conseguinte, o grupo de Zarqawi adquiriu grande relevância no país, também por suas conexões com organizações *jihadistas* sunitas (DAMIN, 2015, p. 27).

No ano de 2004, Zarqawi jurou lealdade a Bin Laden, sendo formada assim uma aliança entre ambos em setembro do mesmo ano. O grupo de Zarqawi passou a se chamar *Al Qaeda* no Iraque¹⁰ (AQI), e tornou-se um grupo afiliado a *Al Qaeda*. Os grupos terroristas possuíam objetivos em comum como o estabelecimento de um califado islâmico (DAMIN, 2015, p. 27). Essa aliança trouxe benefícios para Zarqawi, uma vez que a utilização do nome *Al Qaeda* fez com o líder da organização obtivesse notoriedade entre *jihadistas* no Iraque, atraindo apoiadores e seguidores.

¹⁰ Transliterado *Tanzim Qaidat al-Jihad fi Bilad al-Rafidayn*

Nos dois anos seguintes, a AQI se fortaleceu e se uniu a outros grupos insurgentes iraquianos (MIKHAEL; GOMES, 2018, p. 16).

Após alguns anos de fortalecimento, a AQI continuaria a praticar ataques terroristas, principalmente anti-xiitas, como o ataque a Grande Mesquita em Samarra, frequentada por xiitas e também contra a ocupação militar estrangeira no Iraque. Todavia, em 07 de junho de 2006, Zarqawi foi morto na cidade de Baqubah, em um ataque aéreo americano, sendo sucedido por Abu Ayyub al-Masri (DAMIN, 2015, p. 28).

Em novembro de 2006, foi estabelecido por um conselho formado por diversos grupos *jihadistas* que formavam a AQI, o Estado Islâmico do Iraque (ISI, na sigla em inglês). O novo líder escolhido foi Abu Omar al-Baghdadi, que foi morto em 2010 pelos Estados Unidos, assim como outros membros da organização. Ainda no mesmo ano, assumiu a liderança Abu Bakr al-Baghdadi, conhecido como o califa do ISI, que permanece nesta posição até os dias de hoje (MIKHAEL; GOMES, 2018, p. 16).

Em 2011, quando irrompeu a guerra civil na Síria, as condições para que a organização terrorista conquistasse território sírio foram favorecidas por países como Estados Unidos e seus aliados na região, como Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Qatar e Turquia, que continuaram com a guerra mesmo com a não renúncia do Presidente Bashar al-Assad. O Presidente sírio ainda controlava grande parte das cidades e recebia o apoio do Irã e da Rússia. A guerra contínua permitiu que o ISI se beneficiasse da conturbada situação, ultrapassando as fronteiras entre Síria e Iraque, conquistando cidades (COCKBURN, 2015, p. 24).

O ISI também obteve auxílio da organização *jihadista* Frente Al-Nusra, formada em 2012. Posteriormente, após conquistar cidades da Síria, Baghdadi anunciou a unificação do ISI com a Frente Al-Nusra, estabelecendo assim, o Estado Islâmico do Iraque e da Síria ou Estado Islâmico do Iraque e do Levante, nome utilizado pelo Presidente Barack Obama (ISIS e ISIL, nas siglas em inglês, respectivamente). O nome *Daesh* é também utilizado por Estados Árabes, forma reduzida de *Al-Dawla Al-Islamiya fi al-Iraq wa al-Sham*. Em 2014, foi anunciado pela *Al Qaeda* que o ISIS já não era um afiliado da organização por divergências entre os grupos (MIKHAEL; GOMES, 2018, p. 17).

Há que se ressaltar que o propósito principal deste grupo é o estabelecimento de um califado islâmico, que deve ser gerido pela *sharia*, ampliando seu território,

até destruir infiéis ao redor do mundo, assim como Israel e seus aliados. O ISIS possui diferenciais em relação a outras organizações terroristas, como a utilização da violência extrema contra indivíduos, como apedrejamentos, chibatadas, crucificações, decapitações, espancamentos, estupros, execuções públicas, mutilações, entre outros. Ademais, a organização faz uso da tecnologia, divulgando sua causa e suas ideias na internet e em meios de comunicação, com o intuito de “atrair” futuros membros. (GONÇALVES; REIS, 2017, p. 54-55).

Em 2014, foi anunciado pelo grupo a criação do Estado Islâmico, ou seja, um califado que se estende por partes do Iraque e Síria, sendo Abu Bakr al-Baghdadi o califa e governante supremo. Atualmente, apesar de ter perdido territórios e membros em bombardeios aéreos, o EI continua a aterrorizar a região que ocupa e permanece como um dos grupos insurgentes mais violentos no mundo (DAMIN, 2015, p.31).

Al Qaeda e Estado Islâmico em um contexto comparativo

Al Qaeda e Estado Islâmico são organizações fundamentalistas islâmicas que praticam atos terroristas e que surgiram no Afeganistão. A história de ambos os grupos da vertente sunita está conectada e é correto afirmar que há similaridades entre eles, o que é explicado por sua aliança inicial no passado. Todavia, com o rompimento desta mesma aliança, se é possível compreender que há também diferenças relevantes.

As organizações terroristas obtiveram relevância em contextos históricos similares: A *Al Qaeda* em meio a invasão soviética no Afeganistão e o EI em meio a ocupação americana no Iraque (MIKHAEL; GOMES, 2018, p. 15). Pode-se afirmar que a *Al Qaeda* e o EI possuem objetivos em comum, entre eles está a busca pela *jihad* islâmica, estabelecendo um califado islâmico, que deve ser gerido pela *sharia*, a lei religiosa e liderado pelo califa. Ademais, a *Al Qaeda* e o EI acreditam que os povos muçulmanos ao redor do mundo sofrem opressão e submissão e que esta situação deve ser revertida (GONÇALVES; REIS, 2017, p. 52).

Entretanto, apesar do elo que possuíram no passado, há diferenças ideológicas entre as duas organizações, pois para a *Al Qaeda*, os Estados Unidos são a causa dos problemas do povo muçulmano e do Oriente Médio, permanecendo como o principal inimigo e alvo da organização. À contraposição, apesar dos Estados Unidos representarem uma ameaça ao EI por sua intervenção militar, por exemplo, a afirmação territorial é seu objetivo fundamental, visto que desejam expandir-se.

Portanto, inimigos locais representam uma ameaça maior, assim como os xiitas (MIKHAEL; GOMES, 2018, p. 18). Ademais, em relação as ações das organizações, pode-se inferir que a Al Qaeda planejou seus atos contra povos do Ocidente, ou seja, foram atos perpetrados contra outros Estados. Todavia, os atos do EI foram perpetrados contra seu próprio povo, uma vez que o grupo terrorista pratica atos violentos não somente contra cristãos, mas também contra xiitas e até mesmo sunitas que são contra seu governo (SHAMIEH; SZENES, 2015, p. 368-369).

Os meios extremamente violentos empregados pelo EI, como decapitações, estupros, espancamentos e execuções públicas, são práticas comuns e são praticados no território controlado pelo EI. Apesar dos ataques terroristas cometidos pela Al Qaeda, como o 11 de setembro de 2001, terem provocado a morte de centenas de pessoas, os atentados terroristas foram planejados com o propósito de que os Estados Unidos se retirasse de territórios muçulmanos. No entanto, os atos violentos cometidos pelo EI ocorrem para que a população do território por eles conquistado, seja mantida sob controle (BYMAN, 2015).

O EI é uma organização mais complexa do que a *Al Qaeda*, visto que se expandiu por um vasto território, tomando cidades como Raqqa e Mosul, no Iraque, assim como a Síria, com o objetivo de ampliar-se, estabelecendo um califado (DAMIN, 2015, p. 26). Atualmente, pode-se afirmar que enquanto a *Al Qaeda* continua a ser uma ameaça para os Estados Unidos e seus aliados, o EI é uma ameaça para o Oriente Médio. Todavia, através das divulgações de suas causas em meios de comunicação, as ações dos “lobos solitários”, indivíduos que seguem o grupo ideologicamente, tem aumentado no mundo, especialmente na Europa, o que prova que o EI é, de fato, uma ameaça mundial (MIKHAEL; GOMES, 2018, p. 24).

Conclusão

O terrorismo de séculos passados baseou-se em diversas linhas de ação, seguindo ideais nacionalistas, revolucionários e separatistas. Todavia, o terrorismo do século XXI destaca-se por basear-se no fundamentalismo religioso, um movimento que se propagou principalmente no Oriente Médio, dando início ao fundamentalismo islâmico. A partir desta expansão, grupos fundamentalistas islâmicos que utilizam a violência se proliferaram e, ao longo dos anos, cresceram,

adquirindo novos membros e praticando ataques terroristas não só na região onde surgiram, mas ao redor do mundo.

Os ataques terroristas são racionais e planejados e ocorrem para que um propósito específico seja atingido. As organizações terroristas seguem uma lógica e traçam uma estratégia, e, portanto, seus alvos são minuciosamente escolhidos. Os membros das organizações seguem ordens e comandos dos líderes e assim, executam os atentados. Os grupos terroristas visam, acima de tudo, com suas ações, conquistar por meio do terror, o que desejam.

O surgimento e estabelecimento de grupos terroristas como a *Al Qaeda* e o Estado Islâmico demonstram como o fenômeno do terrorismo evoluiu ao longo dos séculos. Os atentados destes grupos têm se tornado cada vez mais sofisticados e resultado em milhares de mortes e prejuízos para Estados ao redor do mundo. A crença destes grupos que o Ocidente representa o infiel e a *jihad* islâmica deve, deste modo, ocorrer acima de tudo, comprova que o fundamentalismo religioso baseado em fanatismo e radicalismo, pode levar a atos extremos.

Embora em âmbito internacional não haja uma definição de terrorismo por parte da ONU, o tema é abordado em diversos mecanismos internacionais. Em 9 de dezembro de 1994, foi adotada a Declaração de Medidas para Eliminar o Terrorismo Internacional pela Assembleia Geral e várias Convenções foram celebradas no âmbito da ONU, como a Convenção Internacional para a Repressão a Atentados Terroristas a Bomba (1997), a Convenção Internacional para a Repressão e Financiamento do Terrorismo (1999), a Convenção Interamericana Contra o Terrorismo (2002), e a Convenção Internacional para a Supressão de Atos de Terrorismo Nuclear (2005).

Após o atentado de 11 de setembro de 2001, quando o terrorismo religioso praticado em nome do Islã foi projetado internacionalmente, dando início a um ciclo de terror que se estende até os dias de hoje, foi aprovada pelo Conselho de Segurança da ONU, a Resolução nº 1.368 que condena o terrorismo, considerando-o terrível ameaça à paz e à segurança mundial. Assim sendo, foi evidenciada a necessidade de se fortalecer a cooperação internacional entre os Estados, se destacando medidas como evitar o apoio a organizações terroristas, colaborar em investigações criminais relativas ao terrorismo e manter controle efetivo de fronteiras a fim de se evitar a movimentação de terroristas. Ademais, o Conselho de Segurança também

estabeleceu o Comitê Antiterrorismo que monitora as Resoluções 1373, de 2001 e 1624, de 2005.

Em âmbito interno, em diversos países, assim como no Brasil, o terrorismo foi introduzido em sua legislação e vários deles possuem leis penais sobre o terrorismo, como a Alemanha, Austrália, Canadá, Espanha, Estados Unidos, França, Itália, Portugal, Reino Unido e Rússia.

Pode-se afirmar que conhecer melhor a estrutura organizacional das organizações terroristas e como agem, se pode combater com mais eficácia suas ações. Ademais, uma das formas mais eficazes de se combater organizações terroristas é acabando com suas fontes de recurso, como os financiamentos que patrocinam o terrorismo e podem provir de doações do crime organizado e de empresas de fachada. Na tentativa de impedir atentados terroristas, inúmeros países têm investido em ações como o antiterrorismo, que engloba medidas como a proteção de alvos e melhoria em sistemas de segurança, e no contraterrorismo, que compreende medidas ofensivas, ou seja, ações de ataque, geralmente efetuadas por forças policiais e/ou militares, cujo objetivo é evitar e responder aos atentados.

Apesar de inúmeros esforços efetuados e a cooperação entre países, o combate ao terrorismo tem se mostrado uma tarefa árdua devido ao surgimento dos “lobos solitários”, que seguindo ideologicamente uma organização terrorista, em particular, o Estado Islâmico, tem perpetrado diversos atentados isolados ao redor do mundo. O fenômeno dos *foreign fighters* também tem gerado grande preocupação, em particular na Europa, uma vez que pessoas de outros países, muitas provindas do Ocidente, tem se juntado a grupos como o Estado Islâmico. Estas pessoas se unem a estes grupos principalmente por se sentirem atraídas por seu discurso radical e por se sentirem isoladas e marginalizadas em seu país de origem.

Por fim, pode-se concluir que o terrorismo islâmico é uma ameaça real a todos os Estados e que somente através da colaboração entre eles se é possível preveni-lo e combatê-lo.

Referências Bibliográficas

- AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz. Os esforços da sociedade internacional no combate ao terrorismo. *Associação Brasileira de Relações Internacionais*. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000122011000300046&script=sci_arttext> Acesso em: 03 de mar. 2018.
- ARAUJO, Evilásio J. *Terrorismo Internacional: Fundamentalismo religioso e globalização*. Brasília: Livraria Herança Judaica Editora, 1. ed. 2004. 279 p.
- BARTOLOMÉ, Mariano C. El Estado Islámico, una rara alquimia de Corán, Twitter y violencia terrorista. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-35692015000100007&lang=pt> Acesso em: 10 de fev. 2018
- BRANT, Leonardo Nemer Caldeira. *Terrorismo e Direito: os impactos do terrorismo na comunidade internacional e no Brasil*. Rio de Janeiro: Forense, 1. ed. 2003. 557 p.
- BRASIL. Lei 13.260/2016, de 16 de março 2016. Disciplina o terrorismo. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113260.htm> Acesso em: 20 jan. 2018.
- BURKE, Jason. *Al-Qaeda: a verdadeira história do radicalismo islâmico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007. 358 p. Tradução Carlos Alberto Medeiros.
- BUZAN, Barry. As implicações do 11 de setembro para o estudo das relações internacionais. *Contexto Internacional*. Rio de Janeiro, vol. 24, no 2, julho/dezembro 2002, pp. 233-265. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-85292002000200001&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 20 de mar. de 2018
- BYMAN, Daniel L. Comparing Al Qaeda and Isis: Different Goals, Different Targets. Brookings, 2015. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/testimonies/comparing-al-qaeda-and-isis-different-goals-different-targets/>> Acesso em: 07 de mar. de 2018.
- COCKBURN, Patrick. *The rise of islamic state: Isis and the new sunni revolution*. London: Verso, 2015. 102 p.
- CORRÊA, Alessandra. *De onde veio, como cresceu e qual o futuro do Estado Islâmico*. De Winston-Salem (EUA) para a BBC Brasil. Publicado em 11 jul. 2017. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-40114350>> Acesso em: 03 mar. 2018
- DAMIN, Cláudio Júnior. Surgimento e trajetória do Estado Islâmico (Emergence and trajectory of the Islamic State). *Journal of Global Studies*. vol. 16 n. 148, mar.-abr. 2015 (p. 26 a 33). Boletim Meridiano 47. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/MED/article/view/14863>> Acesso em: 04 de mar. 2018.
- DEGAUT, Marcos. Estado Islâmico e o Conflito Sírio: opções Estratégicas dos Jihadistas. *Mundorama - Revista de Divulgação Científica em Relações Internacionais*, 2017. Disponível em: < <https://www.mundorama.net/?p=23709>> Acesso em: 05 de mar. de 2018
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2272 p.
- FERREIRA, Marcos Alan S. V. *Combate ao terrorismo na América do Sul: uma análise comparada das políticas do Brasil e dos Estados Unidos para a Tríplice Fronteira*. 1. ed. Curitiba: Editora Prismas, 2016. 254 p.

FRANCO, Jussara Bortolucci. *O emprego das forças armadas brasileiras no combate ao terrorismo: aspectos jurídicos*. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Pós-Graduação em Direito e Inteligência no combate ao crime organizado e ao terrorismo. Universidade Católica de Brasília/UCB. Brasília: [s.n.], 2012.

GONÇALVES, Joanisval Brito; REIS, Marcus Vinícius. *Terrorismo: conhecimento e combate*. 1. ed. Niterói, RJ: Impetus, 2017. 203p.

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Sales. Elaborado no Instituto Houaiss da Língua Portuguesa. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1986 p.

KÜCHLER, Adriana. *O que é fundamentalismo?*. Artigo da Revista Super Interessante. História. Publicado em 30 jun. 2015. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/o-que-e-fundamentalismo/>> Acesso em: 07 mar. 2018

LAURIA, Bianca V.; SILVA, Henrique R.; RIBEIRO, Poliana Garcia. *O Estado Islâmico*. Série Conflitos Internacionais. v. 2, n. 2, Abril de 2015. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/v-2-n-2-o-estado-islamico.pdf> Acesso em: 07 mar. 2018

LUTZ, James M.; LUTZ, Brenda J. *Global terrorism*. 2. ed. New York: Taylor & Francis e-Library, 2008. 346 p.

MIKHAEL, Michelle Mitri; GOMES, Aureo de Toledo. Terror or Terrorism? Al-Qaeda and the Islamic State in Comparative Perspective. *Brazilian Political Science Review*, São Paulo, vol.12 no.1. mar. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-38212018000100202&lang=pt#fn_ast1> Acesso em: 28 de fev. de 2018.

NAÇÕES UNIDAS. *A Onu e o terrorismo*. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acao/terrorismo/>> Acesso em: 03 de mar. de 2018.

NASSER, Reginaldo M.. As Falácias do Conceito de “Terrorismo Religioso”. In: SOUZA, André de M.; NASSER, Reginaldo M.; MORAES, Rodrigo F. de (Org.). *Do 11 de setembro à guerra ao terror: reflexões sobre o terrorismo no século XXI*. Brasília: Ipea, 2014. P. 65 a 87.

NETO, José Cretella. *Terrorismo Internacional: inimigo sem rosto – combatente sem pátria*. Campinas, SP: Millenium Editora, 2008. 725 p.

NÓBREGA, Carla J. M. F. de. *Al-Qaeda: Análise Estratégica da Maior Organização Terrorista do Século XXI*. Dissertação (Mestrado) – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa. Portugal, [s.n.], 2013. Disponível em: <<https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/6182/3/Tese.pdf>> Acesso em: 03 de mar. de 2018

PEARLSTEIN, Richard M. *Fatal future? : transnational terrorism and the new global disorder*. 1. ed. Austin: University of Texas Press. 2004, 198 p.

RAPOPORT, David C. The Four Waves of Rebel Terror and September 11. *Anthropoetics*, v.8, nº 1 (Spring/Summer 2002). Disponível em: <<http://anthropoetics.ucla.edu/ap0801/terror/>> Acesso em: 23 de jan. de 2018.

RICARDO, Silvia; SUTTI, Paulo. *As diversas faces do terrorismo*. São Paulo: Harbra, 2003. 116 p.

SARAIVA, José Flávio Sombra (org.) *História das Relações Internacionais Contemporâneas : da sociedade internacional do século XIX à era da globalização*. 2. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2008. 347p.

SHAMIEH, Luna; SZENES, Zoltán. The Rise of Islamic State of Iraq and Syria (ISIS) AARMS Vol. 14, No. 4 (2015) 363–378

Disponível em: <http://archiv.uni-nke.hu/uploads/media_items/aarms-2015-4-shamieh.original.pdf> Acesso em: 28 de fev. de 2018.

SOUZA, André de M.; NASSER, Reginaldo M.; MORAES, Rodrigo F. de (Org.). *Do 11 de setembro à guerra ao terror: reflexões sobre o terrorismo no século XXI*. Brasília: Ipea, 2014. 196 p.

Entenda as diferenças e divergências entre sunitas e xiitas. BBC Brasil. 4 jan. 2016.

Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160104_diferencas_sunitas_xiitas_musulmanos_lab> Acesso em: 04 mar. 2018